

# 04

## **Do trivial ao inusitado: a criação de *selfies* por adolescentes em sala de aula**

**Rosângela Fachel de Medeiros**  
Universidade Federal de Pelotas  
rosangelafachel@gmail.com | [LATTES](#)

**Rosana Fachel de Medeiros**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
[zanafachel@gmail.com](#) | [LATTES](#)

**Recebido em: 9 de abril de 2023.**  
**Aprovado em: 23 de abril de 2025.**

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431782112025e0068>  
eLocation-id: e0068

 Esta revista está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os artigos publicados na Revista Educação, Artes e Inclusão passam pelo *Plagiarism Detection Software | iThenticate*

## **Do trivial ao inusitado: a criação de *selfies* por adolescentes em sala de aula**

A intenção deste artigo é compartilhar algumas reflexões teórico-críticas e prático-didáticas acerca da compulsão contemporânea pela realização e difusão de *selfies* fomentada pela onipresença dos smartphones em nossas vidas e pensá-la no âmbito das salas de aula. Nesse sentido, exploramos também a integração dos smartphones e de seu universo de possibilidades em atividades de ensino e aprendizagem autorais e colaborativas no contexto da escola, especificamente, aulas de artes. Para isso, ademais de uma breve contextualização teórico-crítica do tema, apresentamos e propomos algumas considerações acerca de uma atividade desenvolvida, por uma das autoras do texto, em suas aulas de Artes para turmas dos Anos Finais - 8º e 9º anos - do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal, localizada na região periférica e limítrofe de Canoas, no Rio Grande do Sul-RS, no segundo semestre de 2018. Produzir e problematizar diferentes tipos de *selfies* possibilitou importantes indagações a respeito da espetacularização contemporânea da própria imagem e, nisso, também da onipresença dos celulares que a fomenta, discussões que nasceram em sala de aula e que buscamos expandir e compartilhar neste texto.

Palavras-chave: *smartphones*; adolescentes; *selfies*; Cindy Sherman

## **De lo trivial a lo insólito: la creación de *selfies* por parte de adolescentes en el aula**

La intención de este artículo es compartir algunas reflexiones teórico-críticas y práctico-didáticas acerca de la compulsión contemporánea por la realización y difusión de *selfies* fomentada por la ubicuidad de los teléfonos inteligentes en nuestras vidas y pensarla en el contexto de las aulas. En este sentido, también exploramos la integración de los *smartphones* y su universo de posibilidades en actividades de enseñanza y aprendizaje autoral y colaborativo en el contexto escolar, específicamente, en las clases de arte. Para ello, además de una breve contextualización teórico-crítica del tema, presentamos y proponemos algunas discusiones sobre una actividad desarrollada por una de las autoras del texto en sus clases de Arte para estudiantes de los Años Finales - 8º y 9º años - de Enseñanza Fundamental de una escuela municipal, ubicada en la región periférica y limítrofe de Canoas, en Rio Grande do Sul-RS, en el segundo semestre de 2018. Producir y problematizar diferentes tipos de *selfies* permitió plantear importantes cuestiones sobre la espectacularización contemporánea de la propia imagen y, en este sentido, también sobre la omnipresencia de los teléfonos móviles que la propicia, debates que nacieron en el aula y que pretendemos ampliar y compartir en este texto.

**Keywords:** *smartphones*; adolescentes; *selfies*; Cindy Sherman.

## INTRODUÇÃO - SMARTPHONES NA ESCOLA: DISPERSÃO OU ATENÇÃO?

A intenção deste artigo é compartilhar uma reflexão prático-didática acerca da compulsão contemporânea pela realização e difusão de *selfies*<sup>[1]</sup> - autorretratos digitais realizados por meio das câmeras de *smartphones* e compartilhados em redes sociais - práticas fomentadas pela onipresença dos *smartphones* em nossas vidas, e pensá-las no âmbito das salas de aula. Nesse sentido, exploramos também a integração dos *smartphones* e de seu universo de possibilidades em atividades de ensino e aprendizagem autorais e colaborativas no contexto da escola, especificamente, nas aulas de artes.

Para isso, ademais de uma breve contextualização teórico-crítica do tema, apresentamos e propomos algumas discussões acerca de uma atividade desenvolvida por Rosana Fachel, uma das autoras deste texto, em suas aulas de Artes para turmas dos Anos Finais - 8º e 9º anos - do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal, localizada na região periférica e limítrofe de Canoas,<sup>[2]</sup> no Rio Grande do Sul-RS, no segundo semestre de 2018. A atividade em questão foi realizada em duas etapas. A primeira sendo dedicada à apresentação e à discussão de dois grupos de *selfies*: um composto por *selfies* de discentes das turmas e outro, por *selfies* conceituais realizadas pela artista visual estadunidense Cindy Sherman (Nova Jersey, 1954). E a segunda, dedicada à produção de *selfies*, convidando as/os estudantes - adolescentes entre 12 e 17 anos - a utilizarem seus *smartphones* para a realização de duas criações *selficas*, sendo a primeira realizada a partir de suas percepções e entendimentos a respeito do estilo *selfie*; e a seguinte inspirada nas *selfies* realizadas por Sherman, utilizando ferramentas e aplicativos de edição de imagens para modificá-las e distorcê-las.

[1] Termo cuja "emergência, profusão e influência" resultou em sua eleição como a palavra do ano em 2013, pelo *Oxford Dictionaries*.

[2] Canoas é a cidade mais populosa da Região Metropolitana de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

A proposta dessa atividade teve como ponto de partida o desejo de integrar o uso cotidiano e pessoal dos celulares - geralmente visto como algo incompatível com a escola - ao processo criativo e autoral de adolescentes em sala de aula, reconhecendo e valorizando suas competências (trans)midiáticas, desenvolvidas fora das instituições educacionais, com as tecnologias digitais e as linguagens das rede sociais, buscando explorar e problematizar esses conhecimentos e competências no âmbito das atividades desenvolvidas em sala de aula. Neste sentido, é possível traçarmos um paralelo entre a atividade e a ideia de *alfabetização transmídia* explorada pela pesquisa coordenada por Carlos Scolari, que "se concentra naquilo que os jovens estão fazendo com as mídias e os considera prosumidores (produtores + consumidores), pessoas potencialmente capazes de gerar e compartilhar conteúdos de diferentes tipos e níveis de complexidade" (Scolari, 2018c, p. 4, nossa tradução).

O uso dos *smartphones* na escola continua sendo um assunto controverso e segue dividindo as opiniões de docentes e de intelectuais da área de educação, bem como da sociedade em geral. De um lado estão as pessoas entusiastas dessa e de outras tecnologias digitais, que defendem seu uso dentro do ambiente escolar, como Paula Sibilía (2012), Edméa Santos e Rosemary Santos (2012) e Lucia Santaella (2013), e de outro, estão as pessoas que veem esses aparatos e mídias como vilões, responsáveis pela distração e pelo baixo desempenho de alunos e alunas durante as aulas. Nessa direção, Edvaldo Couto e Raphaele Silva (2017, p. 52) afirmam que:

A desconfiança em relação à era da conectividade e ao papel que as tecnologias exercem na estruturação da vida contemporânea reside, sobremaneira, no fato de que ainda existe uma compreensão da sua presença no cotidiano escolar como inserção, como instrumento alheio, ferramenta externa ao processo natural a ser usada para a realização dos processos de ensino e aprendizagem.

Em novembro de 2014, tornou-se viral na internet um registro realizado pelo fotógrafo Gijsbert van der Wal e disponibilizado em sua conta no *Twitter*, que mostra um grupo de adolescentes imersos em seus celulares dando as costas ao famoso quadro *A Ronda Noturna*, de Rembrandt (1606-1669), no *Rijksmuseum* de Amsterdam<sup>[3]</sup>.

[3] A foto ainda pode ser vista no *Twitter* do fotógrafo Gijsbert van der Wal. Disponível em: [Twitter de Gijsbert van der Wal](#) Acesso em: 15 mar. 2023.

O que os apurados julgamentos e acusações da má influência dos celulares não tiveram tempo de saber é que aquele grupo de estudantes estava usando seus aparatos para navegar pelo aplicativo do museu e realizar uma atividade *online*, que lhes havia sido proposta como tarefa escolar. Esse caso, já anedótico, nos incita a pensar que talvez muito do teor negativo que vem sendo imputado à ubiquidade dos *smartphones* derive de conclusões apressadas e superficiais, que estão se desviando do cerne da questão, o fato de que a onipresença dos *smartphones* – com todas as suas implicações – já é algo sem volta.

Em confluência com o pensamento entusiasta ao uso do *smartphone* como ferramenta aliada aos processos educativos dentro e fora da sala de aula, a atividade que apresentaremos e analisaremos buscou utilizá-lo para potencializar e problematizar o processo criativo e autoral de imagens de si realizadas por estudantes no contexto contemporâneo. O que levou em consideração, ainda, o fato de que, atualmente, o *smartphones* é o aparelho mais utilizado para registros fotográficos e, de acordo com André Lemos e Catarina De Sena (2018), está no centro da mudança social em relação à experiência fotográfica. Na qual é notório o protagonismo das *selfies* que tanto celebridades nacionais e internacionais – hollywoodianas, políticas, artísticas – quanto adolescentes canoenses tiram e publicam constantemente. Cabe salientar que, assim como Leonardo Pastor (2017), não nos interessa avaliar se esse fenômeno contemporâneo de produção e compartilhamento das *selfies* é algo nocivo ou algo libertador e revolucionário, o que buscamos é fomentar e participar da discussão acerca de sua complexidade.

É importante demarcar, ainda, que a atividade que apresentaremos neste texto e as primeiras considerações que levaram a essa escrita foram desenvolvidas antes do período de isolamento sanitário de enfrentamento à pandemia de COVID-19. Durante o qual a utilização das tecnologias de comunicação, sobretudo de *smartphones*, se tornou imprescindível no âmbito educacional como ferramenta para a conectividade - em diferentes níveis e condições – entre docentes e discentes.<sup>[4]</sup>

[4] De acordo com dados da 3ª edição do Painel TIC Covid-19 do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), referentes ao uso de tecnologias de comunicação durante a pandemia em 2020, divulgados pelo site Agência Brasil em novembro do mesmo ano, 37% dos estudantes utilizaram dispositivos móveis para acompanhar as aulas remotas, esse número cai para 29% em relação ao uso dos notebooks e para 11% em relação a computadores de mesa. (Celular, 2020).

Docentes que, até então, não tinham o hábito de utilizar as tecnologias de comunicação em suas aulas tiveram de (re)descobrir as potencialidades de e-mails, redes sociais, aplicativos de mensagem e de chamadas de vídeo e de áudio, explorando-os como forma de manter o vínculo com suas alunas e alunos para, aos poucos, integrá-los na promoção de momentos de interação e de construção de novos conhecimentos.<sup>[5]</sup> Essa urgência na implementação do Ensino Remoto no Brasil evidenciou a falta de preparo das instituições de ensino, bem como a fragilidade da formação docente para o uso das tecnologias de comunicação disponíveis, mas sobretudo, evidenciou a imensa diferença entre as instituições de ensino públicas e as privadas quanto ao acesso de suas comunidades às tecnologias e à conectividade digital, desvelando de maneira inquestionável, o prejuízo provocado pela desigualdade social e digital à educação, que se acirrou com a pandemia. Neste sentido, acreditamos que a discussão a respeito da forma como docentes e discentes conseguiram, ou não, ensinar e aprender de maneira remota durante o período de isolamento sanitário é fundamental. E é imprescindível que essas discussões estejam presentes no ambiente escolar e acadêmico.

Cabe ainda contextualizar que este artigo foi escrito antes do sancionamento da Lei nº 15.100/2025, em janeiro de 2025, que proibiu a estudantes da educação básica, de instituições de ensino públicas e privadas de todo o Brasil, a utilização de “aparelhos eletrônicos portáteis pessoais, inclusive telefones celulares” durante as aulas, seus intervalos e recreios. No entanto, é importante destacar, que para além de casos de necessidades especiais, de perigo ou de força maior, a lei também assegura a permissão do uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula “para fins estritamente pedagógicos ou didáticos”. (Brasil, 2025).

## **1. O PROTAGONISMO DAS *SELFIES* NA EXACERBADA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA DE IMAGENS**

Vivemos um momento histórico de extrema produção e difusão de imagens fotográficas amadoras decorrente da revolução do gesto fotográfico que foi impulsionada pelo advento da tecnologia digital – da Web 2.0 – e da popularização do acesso a *smartphones* e à

[5] Pesquisa realizada por Leite, Lima e Carvalho (2020) constatou que durante a pandemia, 75,2% dos professores e professoras entrevistados buscaram orientação e/ ou treinamento para desenvolver as competências e habilidades necessárias para atuarem no cenário do Ensino Remoto.

conectividade móvel em rede. A câmera dos *smartphones* facilitou a produção, a edição e o compartilhamento de fotografias por aplicativos e nas redes sociais, dando origem a uma revolução na comunicação baseada em imagens. Joan Fontcuberta (2012) identifica esses registros fotográficos que circulam pela internet e são consumidos diariamente por milhões de pessoas, como Pós-fotografia ou Fotografia 2.0. E, dentro dessa ecologia contemporânea de imagens fotográficas, a *selfie* vem ganhando cada vez mais protagonismo.

Descendente direta da tradição artística do autorretrato que nasceu na pintura e foi assumida pela fotografia – desde o daguerreótipo até às câmeras digitais, na qual é recorrente o destaque e o protagonismo do rosto como órgão expressivo da individualidade, que “não veicula o comportamento interior ou prático de um homem, ele o narra” e sugere uma singularidade pujante (Simmel, 1999 *apud* Santos, 2016, p.2). Poderíamos dizer que a *selfie* representa a maior apropriação e popularização do gênero imagético de produção de imagens de si e que vem se expandindo na mesma proporção e com as mesmas implicações que o próprio acesso aos meios de produção de imagens técnicas e à conectividade remota. De acordo com a jornalista Elizabeth Day, o primeiro autorretrato digital identificado na internet como *#selfie* apareceu no Flickr em 2004, mas foi o advento dos *smartphones* e, mais especificamente, o lançamento do *iPhone 4*, com a tecnologia de uma câmera frontal, em 2010, que tornou o fenômeno das *selfies* viral (Day, 2013). Para Pastor (2016, p.19), a *selfie*

demonstra, para além da aparente banalidade de uma produção de autorretratos instantâneos, possíveis formas de relação com a própria aparência ou como uma experiência lúdica de proximidade. Nessa partilha de intimidade – numa comunhão de esferas relacionais –, visualiza-se também o hibridismo com o próprio aparelho. A prática do *selfie* surge misturando-se com uma longa rede imagética e cultural de autorretratos, associado às potencialidades comunicativas do *smartphone*.

Como nos lembra Byung-Chul Han (2021), diferentemente da materialidade dos autorretratos analógicos, a *selfie* é uma *não-coisa*, sendo apenas informação e, como tal, só tem sentido dentro da comunicação digital. Dessa forma, fazer uma *selfie* é um ato de comunicação, cuja essência é a exibição para o olhar alheio. Não existe uma *selfie* silenciosa. E, como antes de tudo são imagens comunicacionais, as *selfies* tendem a ser provocativas, o que leva, por conseguinte, às *poses* radicais. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015, p. 376) chamam a atenção para como o autorretrato contemporâneo

se afirma como um modo de vida cada vez mais banalizado, como compulsão de se comunicar e de 'ser descolado', mas também como marketing de si, cada qual procurando ganhar novos 'amigos', procurando valorizar seu 'perfil' e encontrando uma gratificação na aprovação de si mesmo pelos outros [a *selfie*] traduz uma espécie de estética de si que ora é um donjuanismo virtual, ora um novo Narciso no espelho da tela global.

No entanto, para Byung-Chul Han (2021, p. 62), as *selfies* não são um testemunho da pessoa, pois as expressões estandarizadas que se repetem – como a de fazer *biquinho* (*duckface*), a de colocar a língua para fora ou a de piscar – não representam uma expressão pessoal, pois são todas iguais. Percepção que nos faz atentarmos à *selfie* como uma mensagem de integração e de pertencimento a um grupo, a uma comunidade ou, até mesmo, a uma ideologia com, por exemplo, quando as pessoas se registram fazendo algum sinal que identifique sua adesão política. Nesse sentido, a irrupção avassaladora das *selfies* deve ser lida igualmente em termos do impacto que quem as realiza quer produzir em quem as vê. Lembremos, como afirma Annateresa Fabris, que “o retrato, de fato, ativa um mecanismo cultural que faz o indivíduo alcançar a própria identidade graças ao olhar do outro” (Fabris, 2004, p. 51).

Fazer uma *selfie* é, cada vez mais, uma atitude trivial e recorrente, que vem sendo apropriada por pessoas de diferentes sociedades, culturas, faixas-etárias e condições sociais em todo o mundo. E dando protagonismo ao rosto, buscando ressaltar sua beleza com todos os artifícios possíveis e retratando momentos felizes, as *selfies* são produzidas para a autopromoção e para a conquista de *likes* e de seguidores e seguidoras. E representa grande parte da atuação de adolescentes nas redes sociais,<sup>[6]</sup> que vivem com o aparelho ao alcance das mãos e são muito eficientes em seu manuseio. Alice Marwick afirma que "as *selfies* são tão populares com os jovens que se converteram em um gênero em si mesmo, com suas próprias convenções e clichês visuais" (2015, p. 141, nossa tradução).

[6] Questão que Rosana Fachel explorou em sua tese de doutorado, intitulada “Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas” (2018).

Essa busca pelo melhor e mais favorável registro possível de si alimenta um mercado crescente de tutoriais, com dicas e estratégias para a realização das melhores *selfies*.<sup>[7]</sup>

## 2. DISCUTINDO AS *SELFIES* EM SALA DE AULA

Com a intenção de oportunizar às turmas dos 8 e 9 anos discussões a respeito das *selfies*, que produzem e admiram nas redes sociais, foram-lhes apresentados dois grupos de fotos com estilos bem diferentes: um era formado por suas próprias *selfies* e outro por *selfies* experimentais<sup>[8]</sup> realizadas pela artista visual Cindy Sherman, mas todas igualmente exibidas e disponibilizadas em redes sociais – as primeiras no Facebook e as segundas no Instagram, ambientes virtuais, nos quais, de acordo com Sibilía (2008; 2012), a apresentação de si é destaque. As imagens propostas para a discussão foram previamente escolhidas pela professora que selecionou 30 *selfies*: 21 das páginas pessoais e públicas no Facebook<sup>[9]</sup> das alunas e alunos participantes e 9 da página pessoal e pública de Cindy Sherman no *Instagram*. As imagens escolhidas e organizadas em um *PowerPoint* foram apresentadas em sala de aula por meio de projeção com o objetivo de que fossem observadas de maneira atenta para, então, serem problematizadas e discutidas.

Pensando em cada um dos dois grupos de fotos: as suas próprias *selfies* (no Facebook) e as *selfies* de Sherman (no Instagram), foi pedido às e aos adolescentes que escrevessem as três primeiras palavras que lhes vinham à cabeça a respeito dessas imagens e, posteriormente, que respondessem à seguinte pergunta: “O que essas *selfies* me fizeram pensar?” Em seguida, apresentaremos e trataremos acerca dos dois grupos de *selfies* discutidos em aula e das palavras mais citadas por alunas e alunos, bem como das respostas que deram em relação à pergunta, transcrevendo e abordando algumas das respostas que consideramos mais significativas

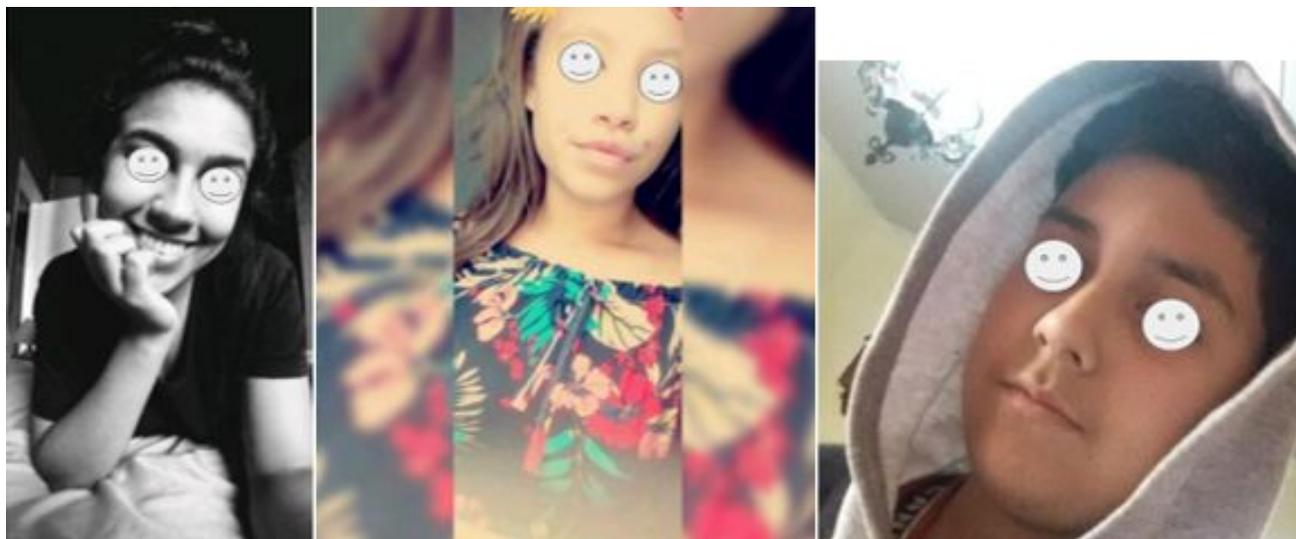
[7] Ao lançarmos as palavras: "tutorial *selfie*" no buscador do Google (em 09 de abril de 2023) foram encontrados cerca de 56.900.000 resultados em 0.33 segundos.

[8] Usamos o adjetivo "experimental" para demarcar a forma como a artista se distancia dos padrões estéticos estabelecidos para a realização de *selfies*.

[9] As *selfies* das alunas e alunos foram escolhidas de suas contas pessoais no Facebook, por ser essa a rede social que mais acessavam na época da realização da atividade.

## 2.1. AS SELFIES DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE CANOAS

As e os adolescentes canoenses são excelentes na produção e divulgação de suas *selfies* na internet. Dentre as vinte e uma de suas *selfies* selecionadas para a atividade, temos oito em que se mostram fazendo *biquinho*, oito em que aparecem sorrindo e seis em que se apresentam com semblantes sérios. Das fotos em que se registram sérios, cinco são de meninos, e foi, igualmente, em seus perfis que houve mais dificuldade de localizar *selfies* nas quais estivessem sozinhos, dificuldade que não aconteceu nos perfis das meninas. Apresentamos a seguir três das imagens (Figuras 1, 2 e 3) escolhidas como exemplo das composições estéticas das *selfies* encontradas nas páginas pessoais das alunas e alunos participantes da atividade.



Figuras 1, 2 e 3. *selfies* de três adolescentes participantes da pesquisa.<sup>[10]</sup>

Fonte: imagens salvas dos perfis pessoais de três estudantes no Facebook (2018).

É fácil perceber que suas *selfies* reproduzem estilos e poses bastante recorrentes nas redes sociais, quase clichês, nas quais buscam mostrar as suas *melhores versões*, muitas vezes, com a ajuda de aplicativos de edição e de filtros, que acreditam favorecer-lhes esteticamente, bem como usando molduras para destacar seus rostos. É interessante perceber como a produção de *selfies* das alunas e alunos de Canoas responde a padrões globalizados. Em seu livro *Generación selfie* (2015), Juan María González-Anleo Sánchez comenta a respeito das escolhas do foco fotográfico realizadas pela/o *jovem selfie*, que

<sup>[10]</sup> Os olhos foram encobertos com o intuito de preservar suas identidades.

reconhece como um ato de fechar-se sobre si mesmo, sua família, suas amigas e seus ambientes de conforto, como forma de proteger-se de uma sociedade que não entende, não quer entender e que percebe como uma ameaça. Já Patricia Lucas Ortega (2015) reconhece que as *selfies* compõem um mostruário que revela a necessidade de pertencer a um grupo social que se nutre de ações recíprocas.

### 2.1.1 CONSIDERAÇÕES DAS E DOS ESTUDANTES SOBRE SUAS *SELFIES*

Após observarem coletivamente *selfies* suas e de colegas, as alunas e alunos se dedicaram a escrever as três primeiras palavras que lhes vinham à cabeça sobre essas imagens. O que resultou em um conjunto de 25 palavras, principalmente adjetivos, dentre as quais tiveram maior incidência: *bonitas*, *comuns*, *efeitos* e *legais*. A escolha da palavra *bonitas* reitera a avaliação centrada na estética e, por conseguinte, em padrões normativos de beleza, aos quais se acostumaram justamente por sua recorrência nas páginas pessoais das redes sociais, pois, como comentado por uma das alunas: “todos querem se mostrar bonitos e bem arrumados” (menina, 14 anos). Já o adjetivo “comum” faz referência ao fato de que essas *selfies*, ademais de bastante parecidas entre si, repetem padrões imagéticos que já são corriqueiros nas redes sociais. A semelhança entre as imagens na busca por atender a um padrão foi igualmente apontada por uma participante de 15 anos: “todos querem se mostrar sorrindo e felizes”. A palavra *feito*, por sua vez, remete ao fato de terem percebido que muitas das *selfies* eram digitalmente tratadas, seja com a utilização de filtros ou com o acréscimo de molduras e de imagens (emojis e *emoticons*). E a opção pelo adjetivo *legal* parece fazer mais menção ao ato de produzir uma *selfie* do que ao próprio registro em si, atentando à performance fotográfica de quem se registra.

Nas frases em resposta à pergunta: “O que essas *selfies* me fizeram pensar?”, as e os estudantes puderam deixar mais explícitas suas impressões a respeito das fotos. Em relação à utilização de efeitos, houve duas opiniões bem parecidas: “Os alunos colocam efeitos para ficar mais bonitos nas fotos, se destacar” (menino, 14 anos), e nessa mesma direção outra estudante afirmou: “a maioria dos meus colegas editam as fotos para parecerem perfeitos” (menina, 14 anos). Ambas as falas revelam a percepção da utilização de efeitos nas fotos como uma ação de intenção embelezadora em busca da aprovação e admiração de outras

peças. Nesse mesmo sentido, foram vários os comentários que chamaram a atenção para o fato das *selfies* terem como objetivo conquistar olhares, ou seja, a preocupação com a repercussão e o engajamento que essas imagens podem gerar nas redes: “Eles tiram fotos e postam para ganhar *likes*” (menina, 14 anos); “Às vezes, nós alunos pensamos muito nas curtidas, no que os outros acham, e esquecemos de mostrar quem nós realmente somos” (menina, 14 anos); “As fotos que os alunos postaram foram pensadas na beleza e quantidade de *likes*. Me fizeram pensar que muitas pessoas não são como nas redes sociais” (menina, 15 anos); “Os alunos buscam o apoio das pessoas com curtidas, querem atenção” (menino, 14 anos). De acordo com esses comentários, a publicação de suas *selfies* no Facebook tem como objetivo principal ganhar *likes*, ou seja, receber um *feedback* positivo que além de trazer satisfação para quem fez e publicou a foto é uma comprovação de que suas amigas e amigos lhes dão atenção. Essas falas evidenciam o que foi reconhecido pelos estudos sobre alfabetização transmídia como "competências de gestão", de conteúdos, que podem ser: individual, social e de conteúdo, e entre as quais há uma significativa sobreposição quando o que está em questão é a gestão de conteúdos de autorrepresentação nas redes sociais como, por exemplo, as *selfies* postadas no Instagram (Koskimaa, 2018).

As e os adolescentes identificaram ainda padrões recorrentes e corriqueiros nas *selfies*, que faziam com que as fotos lhes parecessem comuns e normais. “As *selfies* dos colegas são sempre em padrões: foto no espelho, *selfie* com dedinho da paz, etc ...” (menino, 14 anos); “Fotos normais do dia a dia” (menina, 14 anos). Assim, fotos do cotidiano, que repetem padrões já bem reconhecidos, como a famosa pose na frente do espelho – de larga tradição no universo da fotografia – e/ou fazendo sinais com as mãos, foram consideradas comuns, já que apresentam mais do mesmo, ou seja, reproduzem padrões. Após discutirmos sobre suas próprias *selfies*, as e os estudantes receberam o convite a observar algumas *selfies* publicadas por Cindy Sherman no Instagram para, em seguida, também desenvolverem considerações sobre essas imagens.

## 2.2 AS SELFIES DE CINDY SHERMAN

Cindy Sherman tornou-se internacionalmente conhecida por suas séries de foto-performances e retratos conceituais. Desde a década de 1970, a artista produz fotos de si mesma, explorando diferentes possibilidades estéticas e narrativas da *mise-en-scene*

fotográfica para colocar em discussão os padrões que regem a *performatividade feminina*, referenciada aqui na perspectiva butleriana (Butler, 2003), e suas representações por meio de imagens técnicas, enquanto *tecnologias de gênero* (Lauretis, 1994), produzidas pela cultura de massa. A maioria de suas fotos exploram o imaginário imagético de um universo feminino atravessado pela opressão patriarcal machista e pelos padrões e violências que impõem às existências femininas. Perspectiva autoral assumida pela artista ao afirmar que o feio e o indesejável lhe encantam (Grosenick, 2001). Sua primeira série a alcançar notoriedade foi *Fotogramas Sem Título (Untitled Film Stills, 1977-1980)*, composta por mais de 70 fotografias em branco e preto que, como indica seu título, emulam fotogramas filmicos para desvelar os estereótipos criados pelas narrativas cinematográficas, as quais, segundo Laura Mulvey (1975), são determinadas por um olhar masculino patriarcal que objetifica as mulheres. Fotos carregadas de uma perspectiva que é, ao mesmo tempo, íntima e voyeurística, para a realização das quais Sherman contou com a ajuda de outras pessoas (de sua família ou de suas relações de amizade) para a operação da câmera.<sup>[11]</sup>

Desde então, a artista vem literalmente incorporando diferentes personagens (na maioria das vezes) femininas para serem registradas por meio de fotografias e apresentadas em séries temáticas. Imagens tão peculiares, nas quais seu rosto por trás de tantos disfarces, torna-se quase irreconhecível. A partir de 1980, Sherman começa a explorar a fotografia colorida e a investir em outras abordagens do feminino, como a subjetividade íntima do desejo e das emoções (1980-1981), que dará lugar a uma fase de humor sombrio (em 1983, quando suas personagens começam a encaram mais a câmera), que é seguida pela instigante série anti-moda (1984), na qual começam a emergir as perspectivas grotescas e abjetas do monstruoso feminino (Mulvey, 2019), que irão marcar sua série *Fairytales* (1985) e aparecerão, também, na série *Disaster* (1986-1989), na qual Sherman já insere as próteses e os manequins que irão protagonizar sua série *Sex* (1989, quando pela primeira vez a artista não aparece) e que serão utilizados na série *History Portraits* (1989-1990), quando a artista se dedicou a recriar imagens de pinturas clássicas, que é seguida pela série *Sex Pictures* (1992).

[11] Para ver imagens e saber mais sobre a série, que foi integralmente comprada pelo MOMA em 1995, indicamos que visitem a página do MOMA. Disponível em: [Cindy Sherman - MOMA](#) Acesso em: 15 mar. 2023.

Sherman adentra o século XXI explorando o estilo das fotos de estúdio na série *Headshots* (2000-2002), para em seguida mergulhar no universo da fotografia digital trocando aos poucos os subterfúgios da maquiagem e do vestuário pelas possibilidades do *photoshop*, o que marca a transição de sua produção da performance para a pós-produção digital. Experiência que começa com a série *Clow* (2003-2004), é sutil em *Society Portraits* (2008), quando aborda os padrões de beleza e de juventude, e culmina com os murais em grande escala, realizados entre 2010 e 2011, e expostos no MoMA em 2012.

A obra de Sherman acompanha as transformações tecnológicas de captação e tratamento de imagens, atentando às suas implicações – tanto em relação à linguagem fotográfica quanto à temática – na configuração e manutenção de padrões de beleza e de comportamento atribuídos, principalmente, às mulheres no âmbito das culturas ocidentais. Assim, não causa estranhamento que Sherman explore o universo fotográfico das *selfies*, como começamos a ver em 2017, quando ela tornou sua conta no *Instagram* pública. No entanto, suas *selfies* diferem completamente do padrão, uma vez que ela não utiliza os aplicativos de edição de imagens de seu *Iphone* – Facetune, Perfect365 e YouCam Makeup – para embelezar sua imagem (corrigindo o que poderiam ser consideradas imperfeições como, por exemplo, as marcas de envelhecimento), mas sim, para modificar, distorcer e deformar a própria imagem (Figuras 5, 6 e 7).



Figuras 4, 5 e 6. *Selfies* de Cindy Sherman com edições (2018) postadas em seu *Instagram* que foram apresentadas às turmas para a realização da atividade.

Fonte - *Instagram* público da artista @cindysherman

E mesmo que suas fotos no *Instagram* sejam, em suas próprias palavras, apenas uma brincadeira, uma diversão que não compete com seu trabalho sério (Sherman *apud* Russeth, 2017), a sátira na subversão do uso de aplicativos e filtros, que utiliza para hiperbolizar a artificialidade das imagens retocadas, nos instiga à reflexão a respeito da popularização da *selfie* e da importância que é dada, atualmente, à produção e à exibição da própria imagem, com o uso crescente de aplicativos e filtros na busca por perfeição. O *iPhone* e os aplicativos permitiram a Sherman uma nova forma de experimentar e transformar a própria imagem, algo que ela já fazia com suas personagens nas foto-performances e fotos conceituais, mas que agora é realizado com uma rápida sequência de toques na tela e pode ser disponibilizado instantaneamente na internet com um único comando, permitindo que imediatamente possa ser acessado de qualquer lugar do mundo. Nesse sentido, vale destacar, que diferentemente de suas séries fotográficas anteriores, quando contava com a ajuda de outra pessoa para manejar e acionar a câmera fotográfica, desta vez é a própria artista quem controla o aparato fotográfico. Mas mesmo que haja uma distância conceitual entre as *selfies* de Sherman e as imagens (fotográficas) que ela leva para as suas exposições, encontramos nelas a mesma potência destacada por Mulvey (2019, sp.) a respeito de suas primeiras séries:

Como imagens de quebra-cabeça de crianças, que contém objetos escondidos em outros objetos, como o duplo sentido de um *trompe-l'oeil*, como o ajuste da visão necessário para ver uma imagem holográfica, a obra de Sherman é testemunha da habilidade da fotografia de significar mais do que parece representar.

Nesse sentido, a série de *selfies* de Sherman problematiza esse ato fotográfico e sua exposição pública midiática, desvelando que essas imagens mostram muito mais do que acreditamos ver, colocando em discussão o narcisismo imagético da contemporaneidade e os próprios conceitos de arte e de autoria. E, se ainda não por Sherman, outras personalidades do campo das artes já levaram as *selfies* para as paredes dos museus, como em *From Selfie to Self-Expression*, realizada em 2017, na Galeria Saatchi em Londres, publicizada como a primeira exposição do mundo a propor uma análise da história da *selfie*. E é notória a transformação que o advento das *selfies* provocou na experiência da visita a museus e a exposições de arte, havendo já muitos museus que pensam e exploram essa interação.

E, inclusive, já são vários os *museus de selfie* ao redor do mundo, espaços que oferecem diferentes cenários para realização específica de fotos para as redes sociais.<sup>[12]</sup> Por outro lado, o próprio *Instagram* já é utilizado como espaço expositivo para diferentes produções e linguagens artísticas (algo que se intensificou com a pandemia).

Diferentemente das fotos das alunas e alunos canoenses que, de maneira geral, almejavam reproduzir os padrões de beleza vigentes em busca de uma boa repercussão de suas fotos nas redes sociais, as imagens de Sherman desvelam justamente sua ironia em relação às *selfies* e a tudo que elas representam, talvez porque muito do que vem sendo discutido atualmente a respeito dessas imagens já era exposto e tratado por ela desde suas primeiras séries fotográficas.

### 2.2.1 CONSIDERAÇÕES DAS E DOS ESTUDANTES SOBRE AS *SELFIES* DE SHERMAN

Em relação às *selfies* de Sherman, assim como em relação a suas próprias *selfies*, as e os estudantes igualmente lhes atribuíram 25 palavras diferentes, sendo a maioria novamente de adjetivos, e as cinco mais referidas foram: *estranha*, *diferente*, *edição*, *feia* e *louca*. As palavras *estranha* e *diferente* evidenciam o estranhamento frente às imagens produzidas pela artista. Algo que já imaginávamos, uma vez que essas imagens estão muito distantes de seu campo de experiência nas redes sociais. Já a palavra *edição* atenta ao fato de a artista utilizar muita edição em suas *selfies*, distorcendo a própria imagem e fazendo com que fique muito difícil reconhecê-la. E as e os adolescentes que utilizaram os adjetivos - *feia* e *louca* - igualmente referiram não entender como alguém utiliza tanta edição para ficar mais feia: “Ela deve ser muito feia” (menino, 14 anos), “[...] ela deve ser velha, por isso precisa de tanta edição” (menina, 14 anos). Mas houve também quem relacionasse as imagens de Sherman à palavra *arte*. E se, por um lado, essa relação nos mostra a possibilidade de leitura de conteúdos postados nas redes sociais como manifestações artísticas e uma aproximação comparativa das *selfies* de Sherman a outras produções artísticas, por outro, desvela a permanência de uma percepção de que imagens que rompem com padrões de representação hegemônicos só têm espaço no campos das artes.

[12] Para saber um pouco mais sobre esses museus indicamos a leitura do verbete "Museu de Selfie", na Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_de\\_selfie](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_de_selfie)> Acesso em: 27 mar. 2023.

Dentre suas respostas à pergunta sobre o que as *selfies* de Sherman lhes fizeram pensar, escolhemos seis que nos pareceram bastante representativas. Uma estudante (de 14 anos) ressaltou a falta de preocupação de Sherman com as opiniões alheias, para ela, a artista: “posta fotos sem se preocupar com a opinião dos outros”. Em relação às edições utilizadas pela artista, a estudante pontuou ainda que ao utilizar muitas edições as pessoas podem estragar a foto e, ao invés de ficarem mais bonitas, podem ficar feias e, assim, não atingir o objetivo desejado. Conforme outra aluna (de 15 anos): “ela quis mostrar para as pessoas que muitas edições estraga (*sic*), ao invés de deixar bonita, deixa feia”. Nessa mesma direção, a estudante (de 14 anos) afirmou que ao modificar demais a foto a pessoa deixa de ser quem ela é, segundo a estudante: “quanto mais editamos nossas fotos para ficarmos bonitas, nos tornamos irreconhecíveis”. Enquanto para outra estudante (de 13 anos) “Essa senhora não sabe tirar foto e coloca um monte de efeito para chamar a atenção”. Essas três adolescentes fazem referências às inesperadas e inusitadas edições realizadas pela artista em suas fotos. E se as duas primeiras estudantes atentam para o fato de que a utilização de muitas edições deixa a pessoa irreconhecível, a terceira afirma que a artista utiliza edições em excesso para chamar a atenção. Já duas outras meninas se referiram às *selfies* fora dos padrões produzidas por Sherman como tentativas de questionar os modelos de beleza impostos pela sociedade contemporânea: “Temos de ter coragem para quebrar os padrões de beleza” (menina, 14 anos); “mesmo a sociedade impondo um padrão de beleza, é importante seguir seu próprio padrão, sem ligar para as opiniões, porque todos somos diferentes” (menina, 15 anos). Além disso, uma delas afirmou que todas as pessoas são diferentes e que, sendo assim, cada uma deve seguir seu próprio padrão.

Em diferentes sentidos, muitas das respostas evidenciaram o estranhamento frente às fotos produzidas pela artista, mas houve também quem mencionasse que ao olhá-las com atenção, passou a achá-las interessantes, como no caso da resposta de uma aluna (14 anos): “As fotos de Sherman são estranhas no primeiro momento, mas logo depois despertam muito interesse”. Estranhar o diferente é algo comum, no entanto, ao verem mais fotos e ao conhecerem um pouco mais sobre o trabalho e sobre a trajetória artística de Sherman, as e os estudantes olharam com mais afeição para as *selfies* da artista. E ler suas respostas foi bastante gratificante, já que muitas de suas ponderações e argumentações evidenciaram posicionamentos críticos frente a importantes discussões contemporâneas a respeito da ubiquidade das tecnologias de conexões em rede, como a busca pela aprovação nas redes sociais e os padrões de beleza impostos e mantidos pelas mídias.

### 3. PRODUZINDO E EDITANDO *SELFIES* EM SALA DE AULA

Após a discussão sobre os dois grupos de *selfies* foi proposto às alunas e aos alunos que realizassem novas produções *selficas*, agora explorando ferramentas e aplicativos de edição e tendo como referência e inspiração as *selfies* de Sherman. Suas fotos deveriam ser editadas utilizando somente os aplicativos disponíveis em seus *smartphones*. E a única condição era que essas ferramentas não fossem utilizadas para "embelezar" as imagens, como disfarçar espinhas, adicionar maquiagem, diminuir bochechas ou acrescentar molduras, pois a intenção da proposta era justamente que manipulassem a própria imagem buscando se afastar de qualquer padrão de embelezamento, como havia sido feito por Sherman. Atividade que lhes foi sugerida, levando em consideração a perspectiva da alfabetização transmidiática, por meio da qual, como sugere Carlos Scolari (2018a, p.131), não interpelamos as e os estudantes "nem como ignorantes (analfabetos) nem como vítimas das novas mídias, os interpelamos como prossumidores, sujeitos que, em maior ou menor medida, produzem ou contribuem para os conteúdos de mídia circularem nas redes sociais". O resultado foi tão interessante que ficou difícil selecionar apenas algumas de suas imagens para apresentar aqui (Figuras 8, 9, 10, 11 e 12).



Figuras 7, 8 e 9. *Selfies* editadas por três estudantes participantes da atividade.

Fonte: Imagens cedidas pelos estudantes e pela estudante (2018).



Figuras 10 e 11. *Selfies* editadas por duas estudantes participantes da atividade.

Fonte: Imagens cedidas pelas estudantes (2018).

As e os adolescentes mostraram muito interesse na atividade. Empolgação que resultou na exploração colaborativa das possibilidades oferecidas pelos aparatos, pois mesmo que a atividade fosse uma proposta para ser realizada individualmente, as alunas e alunos se ajudaram mutuamente, compartilhando seus conhecimentos, habilidades e competências referentes à escolha e à utilização de ferramentas de edição e filtros de imagens, em uma experiência colaborativa, como é comum em suas práticas fora de sala de aula, em uma perspectiva de alfabetização transmídia.<sup>[12]</sup> Instigadas e instigados à experimentação e inspirados pelas *selfies* de Sherman e pela discussão acerca das impressões que essas imagens lhes causaram, as e os estudantes buscaram subverter os padrões de embelezamento dos aplicativos, produzindo *selfies* muito criativas e autorais que transitaram entre diferentes estéticas – indo do grotesco ao cômico – as quais lhes agradaram muito, sobretudo, por se verem em edições bastante diferentes das habituais. Imagens que talvez revelem muito mais sobre o universo subjetivo de quem as criou do que as *selfies* ordinárias e corriqueiras do dia a dia que postam em suas redes sociais.

[12] Para uma abordagem mais profunda da relação entre adolescentes e a cultura colaborativa sugerimos a leitura de *Adolescentes, medios de comunicación y culturas colaborativas* (2018b), organizado por Carlos A. Scolari, no qual refere, justamente, "a capacidade de retocar uma foto no Instagram" (2018b, p. 130) para exemplificar as competências transmídiaicas desenvolvidas no âmbito informal da cultura colaborativa.

Assim como as *selfies* de Sherman, as *selfies* experimentais realizadas pelas e pelos estudantes romperam com os padrões de expectativa, perturbando a monotonia do olhar e provocando uma nova perspectiva de fruição frente a algo que é disruptivo. E ao explorarem a potência de farsa da fotografia, nesse caso específico do autorretrato, contrariando sua condição de tecnologia imagética de *captação do real*, experimentaram a desestabilização de toda uma estrutura alicerçada na centralidade discursiva e no protagonismo da imagem.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A produção e o compartilhamento de imagens de si é um assunto instigante e atual, que está longe de se esgotar. Conforme Amparo Lasén, as “práticas contemporâneas de fotografia digital remediaram a sociabilidade, a relação com o corpo (*embodiment*) e a subjetividade” (Lasén, 2015 *apud* Pastor, 2017, p. 166). Para além de qualquer rótulo, a discussão sobre as formas como se tem transformado o corpo em imagem propõe pensar as imagens de si como um modo de existência de quem as realiza a partir de uma lógica da instantaneidade, do compartilhamento e da comunicação (Pastor, 2017). Produzir *selfies* e compartilhá-las nas redes sociais é uma demanda contemporânea sem prazo de validade. E, no caso específico de adolescentes, esse hábito implica ainda outras instâncias psicológicas e formativas, como vem destacando Byung-Chul Han (2022, sp., nossa tradução):

Muitos adolescentes sofrem hoje em dia de ansiedades difusas, medo de fracassar, medo de falhar, medo ficar para trás, medo de cometer um erro ou de tomar uma decisão errada, medo de não estar à altura de suas próprias expectativas. Se envergonham de sua própria inadequação. (...) O vício nas *selfies* (...) Nada mais é do que um impasse do eu narcísico, que nunca descansa. Diante do vazio interior, tenta-se em vão produzir-se a si mesmo, o que obviamente não se consegue. Só o vazio se reproduz. (...) As *selfies* são superfícies bonitas e polidas de um eu vazio e totalmente inseguro.

Nesse sentido, a atividade analisada neste texto teve como intenção fazer com que as e os estudantes atentassem, refletissem e discutissem a respeito da exacerbada espetacularização da própria imagem (Sibilia, 2008), das expectativas que regem essas postagens e dos padrões de beleza que impõe e alimentam, muitas vezes, retocadas com a

ajuda de aplicativos e filtros, que criam modelos irreais e inalcançáveis, destacando algumas características físicas e rechaçando outras (sem falarmos aqui, mas lembrando, que nessa equação atuam também os algoritmos de beleza que regem as redes sociais). Discutir as *selfies* produzidas por Sherman – uma famosa retratista conceitual que sempre buscou colocar em xeque os padrões de beleza, sobretudo, em relação às corporalidades femininas – com as turmas da escola, abriu interessantes possibilidades de reflexão a partir da comparação entre suas *selfies* e as *selfies* da artista, que evidenciou a questão dos padrões de beleza; e de experimentação artística autoral, inspirada por suas imagens, levando à discussão da constante transformação dessas imagens de si na expansiva ecologia midiática. Por meio da comparação entre os dois grupos de *selfies*, a atividade buscou pensá-las enquanto produções do nosso tempo, que dizem muito sobre a forma como vivemos e como nos relacionamos, mediados pelas tecnologias digitais e conectados em rede. As *selfies* experimentais de Sherman, tal como a infinidade de *selfies* produzidas cotidianamente por pessoas de todo o mundo, como as e os adolescentes de Canoas, ressignificam e problematizam constantemente o ato de se fotografar, enquanto uma forma de expressão que pode desvelar muito sobre a sociedade contemporânea.

Os momentos de coleta de dados e os próprios dados coletados foram muito profícuos, primeiro por desvelar o interesse de alunas e alunos em relação à atividade proposta e, em seguida, por dar a ver a criticidade de suas ponderações orais e escritas sobre as questões colocadas em discussão. Como quando, por exemplo, relacionaram as *selfies* de Sherman a uma ruptura com os padrões de beleza socialmente atribuídos e esperados, sobretudo, das mulheres. E a satisfação com a tarefa e com os resultados obtidos em suas produções ficou evidente em suas considerações, como podemos constatar nas seguintes falas: “Foi uma atividade nova e legal, foi a primeira vez que fiz isso na escola e gostei muito” (menino, 13 anos); “Eu achei a proposta da ‘sora’ muito legal, porque não é sempre que pegamos uma foto para editar assim” (menina, 14 anos). Importante mencionar que não lhes havia sido solicitado que avaliassem a atividade, sendo essas manifestações espontâneas, o que nos sugere que seria pertinente haver-lhes pedido igualmente sua opinião sobre a tarefa em si, ficando então esse apontamento para novas pesquisas.

Assim, tanto a atividade quanto a própria análise, que aqui apresentamos, buscaram participar da crescente discussão acerca dessa produção imagética de si contemporânea – a *selfie*, pensando-a em toda a sua complexidade, desde o momento de sua criação até sua publicação. E o incentivo à produção e à edição experimental de *selfies* como atividade escolar buscou explorar não apenas o celular e suas potencialidades, mas o próprio lugar de autoria transmidiática que muitas das e dos estudantes – enquanto prossumidoras/es – já ocupam nas redes. Algo evidenciado na própria realização da tarefa pela facilidade de alunas e alunos em manipular seus *smartphones* e diferentes aplicativos, bem como em compartilharem entre si esses saberes, revelando o quanto são criativos e eficientes na produção de imagens (conteúdos) com seus celulares.

Além disso, incorporar o *smartphone* e as práticas cotidianas, naturalizadas e automatizadas, que o aparelho possibilita – como a realização de *selfies* – ao contexto da sala de aula buscou instigar alunas e alunos a uma reflexão crítica sobre essas tecnologias, seus usos e suas implicações. E suas respostas e considerações, pertinentes e potentes, evidenciaram que a atividade conseguiu problematizar não apenas o exacerbado registro/divulgação da própria imagem na contemporaneidade e suas implicações em relação, sobretudo, aos padrões de beleza que impõe, mas também a própria atividade enquanto convite ao uso dos *smartphones* em sala de aula a partir do reconhecimento e do agenciamento de suas competências e saberes.

Finalizamos este texto reiterando nossa percepção da importância das tecnologias digitais, em especial do *smartphone*, e da conectividade em rede serem utilizadas na busca pela atualização das sedimentadas engrenagens escolares. Um assunto que permanece controverso, mas que é fundamental na contemporaneidade. Nesse sentido, acreditamos que a discussão sobre as possibilidades de uso do celular na sala de aula deve fazer parte tanto do currículo escolar quanto da formação docente. E, da mesma forma que Santos e Santos (2012), entendemos que um dos grande desafio da educação contemporânea é reconhecer que vivemos em uma sociedade que está imersa no mundo digital em rede e que, nessa realidade, é importante que docentes e discentes (que passam seus dias em conexão à internet por meio de seus dispositivos móveis e de suas redes sociais) compartilhem as experiências e situações oriundas de seus contextos socioculturais tecnológicos no ambiente escolar.

Como enfatizamos no início deste texto, a pandemia de COVID-19 evidenciou tanto o despreparo do poder público, das escolas e de docentes para a utilização das tecnologias digitais em prol da educação, quanto a enorme desigualdade no acesso às tecnologias e à conectividade. E, para além disso, quando esse acesso existe e essas tecnologias são levadas para a sala de aula, muitas vezes, segue havendo – como nos lembra Scolari (2018b), uma "dissonância digital" entre as formas intuitivas como as e os jovens usam as mídias em suas vidas diárias fora da escola e a maneira "estruturada, controlada e muitas vezes artificial com que são utilizadas nas escolas" (Black, Castro; Lin, 2015 *apud* Scolari, 2018b, p. 22, nossa tradução). Para minimizar essa lacuna seria importante reconhecer as habilidades e competências que as alunas e alunos trazem para a sala de aula. E, nesse sentido, nos perguntamos: Se essa juventude está "adquirindo habilidades novas e valiosas com e através de suas interações com as tecnologias, como essas habilidades podem ser introduzidas com utilidade em ambientes mais específicos, como o da educação formal?" (Clark et al, 2009 *apud* Scolari, 2018b, p. 22, nossa tradução). Esperamos que este texto e a experiência aqui compartilhada possam, de alguma forma, colaborar para essa discussão e para a experimentação das tecnologias digitais de conectividade em rede, pensando aqui especialmente nos *smartphones*, como parceiras dos processos educativos para que, finalmente, possamos colocar em prática o Ensino Híbrido,<sup>[13]</sup> mas isso já é assunto para novas discussões...

[13] Para aprofundar essa discussão, recomendamos a leitura de "O ensino híbrido como "a bola da vez": Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia?", de Edméa Santos, publicado na seção Notícias das Revista Docência e Cibercultura, em junho de 2021.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 15.100/2025**, de 13 janeiro de 2025. Diário Oficial Da União: seção 9, Brasília, DF, p.3, 13 jan. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CELULAR é a principal ferramenta de estudo e trabalho na pandemia. **Agência Brasil**, 20 nov. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-11/celular-e-principal-ferramenta-de-estudo-e-trabalho-na-pandemia>. Acesso em: 22 mar. 2023.

COUTO, Edvaldo, SILVA, Raphaelle. Aprendizagens personalizadas na era das conectividades: ler e escrever em telas. In: PORTO, Cristiane e MOREIRA, J. Antônio (orgs). **Educação no ciberespaço: Novas configurações, convergências e conexões**. – Aracajú: EDUNIT, 2017.

DAY, Elizabeth. 'How Selfies Became a Global Phenomenon', **The Guardian**, 14 jul. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2013/jul/14/how-selfies-became-a-global-phenomenon>. Acesso em: 30 mar. 2023.

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais Uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora: a fotografia depois da fotografia**. São Paulo: Ed G. Gili, 2012.

GROSENICK, Uta. **Mulheres artistas nos séculos XX e XXI**. Lisboa: Taschen, 2001.

GONZÁLEZ-ANLEO SÁNCHEZ, Juan María. **Generación Selfie**. Madrid: Ppc Editorial, 2015

HAN, Byung-Chul. "Byung-Chul Han ante el desamor adolescente". Revista Ñ. **Clarín**, 16 set. 2022. Disponível em: [https://www.clarin.com/revista-enie/ideas/byung-chul-desamor-adolescente\\_0\\_QIKrDQ874c.html](https://www.clarin.com/revista-enie/ideas/byung-chul-desamor-adolescente_0_QIKrDQ874c.html). Acesso em: 30 mar. 2023.

HAN, Byung-Chul. **No-cosas: quiebras del mundo de hoy**. Espanha: Taurus, 2021.

KOSKIMAA, Raine. "Competencias de gestión". In: SCOLARI, Carlos (ed.). **Adolescentes, medios de comunicación y culturas colaborativas. aprovechando las competencias transmedia de los jóvenes en el aula**. TRANSLITERACY H2020 Research and Innovation Actions. Barcelona: Ce.Ge, 2018. Disponível em: [http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL\\_Teens\\_es.pdf](http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_Teens_es.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023.



LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

LEITE, Nahara Moraes; LIMA, Elidiane Gomes Oliveira de; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. O professor e o uso de tecnologias digitais, nas aulas remotas emergenciais no contexto da pandemia da COVID-19 em Pernambuco. **EM TEIA – Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana** – vol. 11 - número 2 – 2020.

LEMONS, André; DE SENA, Catarina. **Mais livre para publicar: Efemeridade da Imagem nos modos Galeria e Stories do Instagram**, RJ: **Revista Mídia e Cotidiano**, UFF, Volume 12, Número 2, agosto de 2018.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**. Viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARWICK, Alice E. "Instafame: Luxury Selfies in the Attention Economy", **Public Culture**, 1 (27), 2015.

MEDEIROS. Rosana Fachel. Os adolescentes e os aparelhos celulares: visualidades contemporâneas. Porto Alegre. 201f. **Tese** (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/183145> Acesso em: 18 abr. 2025.

MULVEY, Laura. **Visual Pleasure and Narrative Cinema**, 1975. Disponível em: <https://ia802801.us.archive.org/4/items/visual-pleasure-and-narrative-cinema/Laura-mulvey-visual-pleasure-and-narrative-cinema.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

MULVEY, Laura. Cosméticos e abjeção: feminismo e fetichismo na fotografia de Cindy Sherman. **Revista ZUM**, Instituto Moreira Salles, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://revistazum.com.br/radar/cosmeticos-abjecao-cindy-sherman/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

ORTEGA, Patricia Lucas. **La Postfotografía y el Selfie como instrumento para ponderar la fotografía y las prácticas fotográficas en las Redes Sociales: una Investigación Antropológica basada en las Artes**. **Dissertação** (Mestrado em Artes Visuais e Educação), Universidade de Granada. Granada, p. 169, 2015. Disponível em: [https://issuu.com/patriciaortega4/docs/publicar\\_2014-15\\_sept\\_tfm\\_lucas\\_ort/1](https://issuu.com/patriciaortega4/docs/publicar_2014-15_sept_tfm_lucas_ort/1). Acesso em 30 mar. 2023.

PASTOR, Leonardo. Imagens de si: experiência e intimidade em torno da prática contemporânea do selfie. In.: **Anais do XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016, p. 1-21.

PASTOR, Leonardo. Prática do selfie: experiência e intimidade no cotidiano fotográfico. **Contracampo**, Niterói, v.36, n. 02, ago/nov. 2017, p. 157-173.



RUSSETH, Andrew. Facetime with Cindy Sherman: The Artist on Her “Selfie” Project for W, and What’s Behind Her Celebrated Instagram. **WMagazine**. 11 jun. 2017. Disponível em: <https://www.wmagazine.com/story/cindy-sherman-instagram-selfie> Acesso em 20 mar. 2023

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTOS, Edméa. O ensino híbrido como “a bola da vez”: Vamos redesenhar nossas salas de aula no pós-pandemia?. Notícias, **Revista Docência e Cibercultura**, junho de 2021, online. ISSN: 2594-9004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/announcement/view/1289>. Acesso em: 03 mar. 2023.

SANTOS, Edméa; SANTOS, Rosemary. Cibercultura: redes educativas e práticas. In: **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v.04, n. 07, jan.-jul.2012, p. 159-183.

SANTOS, Francisco Coelho. As faces da selfie:Revelações da fotografia social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 31, núm. 92, e319202, 2016, p. 1-16. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/kJwNDbZ9BDYRGNHxXhs3Byp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

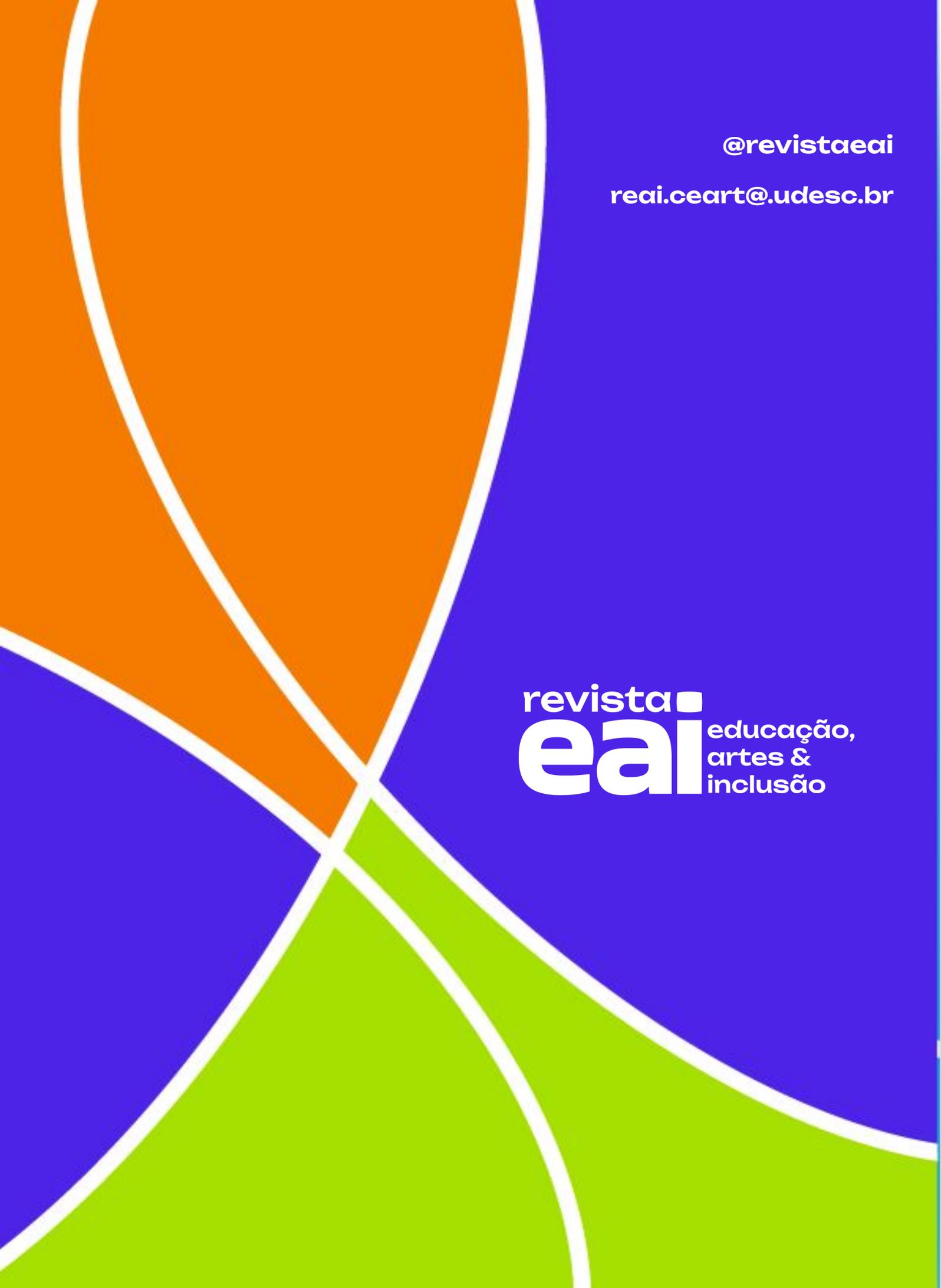
SCOLARI. Carlos. Carlos A. Scolari: ecologia dos meios de comunicação, alfabetização transmídia e redesign das interfaces. [entrevista a Fernanda Pires de Sá]. **MATRIZES**, 12(3). 2018a, p. 129-139. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p129-139>

SCOLARI. Carlos (ed.). **Adolescentes, medios de comunicación y culturas colaborativas. aprovechando las competencias transmedia de los jóvenes en el aula**. TRANSLITERACY H2020 Research and Innovation Actions. Barcelona: Ce.Ge, 2018b. Disponível em: [http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL\\_Teens\\_es.pdf](http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_Teens_es.pdf). Acesso em: 30 mar. 2023.

SCOLARI. Carlos. **Alfabetismo transmedia en la nueva ecología de los medios - Libro Blanco**. TRANSLITERACY H2020 Research and Innovation actions. Barcelona: Ce.Ge, 2018c. Disponível em: [http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL\\_whit\\_es.pdf](http://transmedialiteracy.upf.edu/sites/default/files/files/TL_whit_es.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.



@revistaeci

eci.ceart@udesc.br

revista   
**eai** educação,  
artes &  
inclusão